Para ouvir todas as vozes da cidade: a cidade polifônica - um ensaio de antropologia da comunicação urbana na obra de Massimo Canevacci

Geraldo Garcez Condé

A experiência pessoal do estrangeiro recém-chegado que vaga pela cidade de São Paulo inspirou o italiano Massimo Canevacci a oferecer em *A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana* (Studio Nobel, 1993) uma interpretação antropológica da comunicação urbana nessa metrópole.

Na primeira parte do livro, o autor discute as questões metodológicas da antropologia da comunicação urbana e constrói o instrumental teórico com o qual empreende sua "leitura" de diversas cenas urbanas, nas quais a arquitetura, os rituais, as situações e os personagens são objetos de sua reflexão sobre o *ethos* da cidade.

Para Canevacci, a cidade comunica com "vozes" diversas e atuantes simultaneamente – por isso polifônica – e para interpretá-la é necessária uma metodologia e uma base teórica que também comportem essa diversidade. Esses são os pressupostos do "paradigma inquieto", por meio do qual o autor busca interpretar a cidade de pontos de vistas diferentes. Tal multiplicidade de "vozes" envolvidas na construção de um "mapa" de São Paulo pode ser aferida pela heterogeneidade das referências teóricas, onde são encontrados o arquiteto futurista Sant'Elia, Guimarães Rosa, Lévi-Strauss, Walter Benjamim, Italo Calvino e Gregory Bateson.

O autor adota a moldura metodológica da "máxima internidade e máxima distância" em relação à cidade. O paradoxo se resume em estar o mais próximo possível dos elementos urbanos, numa atitude etnográfica, e, simultaneamente, afastado de tudo isso, no campo da abstração, a fim de escapar da especificidade empírica de uma cidade e poder destacar as tendências mais gerais próprias da atual cultura.

As principais idéias que orientam a análise de Canevacci são, portanto, a multiplicidade das "vozes" urbanas e a exigência de um enfoque que englobe tal diversidade. É nesse sentido que o autor orienta sua pesquisa visual da cidade, inventariando tanto os aspectos arquitetônicos quanto os rituais da cidade, tendo sempre em mente que eles compõem a rede da comunicação urbana, o sistema pelo qual a cidade "fala" de seu comportamento, de seu estilo de vida.

No primeiro capítulo, Canevacci discute a especificidade antropológica da pesquisa urbana e define os termos e posições que lhe servirão de guia. Assim, o autor compõe o quadro teórico no qual privilegia a antropologia interpretativa, a busca dos significados, como a perspectiva que deve ser assumida no estudo da cidade e discute sua inserção no panorama dialógico da comunicação urbana, em que o analista tanto "ouve" como "fala" com a metrópole.

A partir das idéias do arquiteto italiano Sant'Elia, **Canevacci discute**, no segundo capítulo, o **Futurismo** e suas **implicações para a análise da comunicação urbana em São Paulo**. Segundo o autor, a capital paulista é um exemplo singular na América Latina de relacionamento com o programa de Futurismo. Ele é parecido ao estabelecido pelas metrópoles americanas. Os elementos da arquitetura futurista são, todavia, reinterpretados, firmando-se o que o autor considera um "**Futurismo multiétnico e multicultural**".

Destaca-se também neste capítulo o emprego dos conceitos **guias** de **simultaneidade e analogia**, elaborados pelos **teóricos do Futurismo**, para refletir sobre o tipo de sensibilidade solicitada pela comunicação urbana. Eles descrevem **a forma plurisensorial** com que se apresentam **os eventos na metrópole e cadeia lógica que os une**.

O terceiro capítulo é dedicado à discussão em torno das relações que existiriam entre a **comunicação urbana e a formulação do estruturalismo**. Canevacci tenta demonstrar que o estruturalismo teve como uma das determinantes causais de sua concepção as pressões da comunicação urbana sofridas por Lévi-Strauss nas cidade de São Paulo e Nova York, onde o antropólogo teria vivido experiências marcantes para a elaboração de seu método.

Na metrópole estariam perfiguradas as **percepção sincrônica do espaço e do tempo** propostas pelo **estruturalismo**. A **mistura de grupos étnicos, costumes, linguagens coexistindo lado a lado, em cidades como São Paulo e Nova York**, teriam permitido ao antropólogo desenvolver uma percepção sincrônica do espaço e do tempo. Nessas cidades, **Lévi-Strauss** teria vivido **a fusão de tempo e espaço** que informaria, por meio da **sensibilidade**, as suas **concepções epistemológicas**.

No quarto capítulo, Canevacci reflete sobre a importância de **Walter Benjamim** e sua "**antropologia espontânea**" para a **compreensão da metrópole atual**. O objeto dessa reflexão é **o método narrativo de Benjamim**, a **montagem literária de elementos empíricos** que constitui por si só uma interpretação, utilizado pelo filósofo no seu **estudo sobre Paris**.

Canevacci dedica o quinto e último capítulo da primeira parte a **Italo Calvino** e seu livro ***As cidades invisíveis***. O texto serve de ancoragem para a discussão sobre os pontos de vista que estão envolvidos na **antropologia urbana**. É a partir das sugestões por ele suscitadas que o autor desenvolve duas **possibilidades metodológicas** para a análise da cidade. A primeira seria a descrição minuciosa de todo o território metropolitano, empreendida por um **observador externo** à cena; a segunda,

a narrativa de ordem mais qualitativa centrada na experiência do **sujeito imerso** no contexto. O autor conclui que o ideal seria assumir **ambas as posições**, e anuncia que deverá **"falar de dentro" da cidade** na segunda parte do livro.

Na segunda parte do livro, Canevacci seleciona e interpreta uma série de **imagens de São Paulo** com o objetivo de construir um **"mapa" das significações da cidade**. São examinadas num estilo literário aspectos da cena urbana como, por exemplo, a arquitetura de uma loja do McDonald's, uma igreja pentecostal, o *shopping center* Eldorado, praças, uma sessão de exorcismo e o bairro de São Miguel, na periferia paulistana. É nesta situação de **extrema diversidade temática** que Canevacci emprega a **perspectiva interpretativa** elaborada anteriormente.

Em síntese, **CANEVACCI propõe uma metodologia multifocal e uma análise de caráter interpretativo para a antropologia da comunicação urbana, baseado na "polifonia" das vozes que convivem na metrópole.** A um **objeto de múltiplas formas**, o autor entende que se deva aplicar um **"olhar"** calcado na "**experiência biográfica**, na **sensibilidade estética** e no **desafio literário**". Para **construir essa perspectiva**, recorre a autores de variadas experiências teóricas e biográficas em relação à metrópole, reforçando a **abordagem pluralista** que emprega no estudo de São Paulo.

Pelo menos dois aspectos da obra merecem ser destacados: a composição de uma **metodologia de abordagem da comunicação urbana** levando em conta a **especificidade do fenômeno** e a **contribuição** para o **debate sobre o estudo antropológico** que se volta para a própria **cultura do analista**, isto é, para aquilo que lhe é "familiar". Ambos podem ser resumidos, usando palavras do autor, pela **"máxima internidade e máxima distância"**, lema paradoxal por ele proposto. É, pois, aproximando-se do fenômeno que se pode falar dele, e dele se afastando, reconhecer sua especificidade.

O **trabalho de Canevacci** possui o **mérito de unir numa única discussão a proposta metodológica** e sua efetiva **aplicação a um objeto** de tamanha complexidade como **comunicação urbana**.

Geraldo Garcez Condé

- *Pós-graduando do Curso de Especialização em Comunicação e Espaço Urbano da Faculdade de Comunicação Social da UERJ.*

Nota

A presente resenha foi apresentada nos Seminários Especiais em Teoria